

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS-CUR
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS-ICHS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
DOCENTE: DANIEL SILVA CORREA
DISCENTES: JANE RODRIGUES DA SILVA / KARINA MARTINS DA SILVA

TEORIA LITERÁRIA

ANÁLISE DO CONTO O RETRATO OVAL

RONDONÓPOLIS-MT
MARÇO/2007

Introdução

O presente trabalho aborda a análise de um conto de Edgar Allan Poe “O Retrato Oval”. Analisar uma narrativa, como fizemos, é estabelecer uma correlação entre o enredo e a organização dos demais elementos constitutivos da narrativa. O objetivo é compreender o todo pela parte e as partes pelo todo, o que nos proporciona uma visão de conjunto do texto analisado.

Além disso, contribui para ampliar e aprofundar os nossos conhecimentos a cerca de análise literária da narrativa, uma vez que o domínio desses conceitos possibilita condições para fazer uma análise mais rigorosa e com critérios críticos bem fundamentados.

Essa atividade fornece embasamentos para que possamos analisar outros gêneros literários dos estudos críticos: gênero trágico, gênero narrativo e gênero lírico que são temáticas da disciplina Teoria Literária.

O Retrato Oval

Edgar Allan Poe

Um senhor ferido e seu criado Pedro chegam, à noite, num castelo grandioso e fúnebre que parecia ter sido abandonado há pouco tempo.

Acomodaram-se num dos aposentos, cujas decorações eram ricas e desgastadas pelo tempo com muitas pinturas modernas de ricas molduras. Essas pinturas causaram profundas impressões no senhor que ordenara ao criado que acendesse as velas do candelabro para que ele pudesse apreciá-las, concomitantemente, à leitura de um livro que apresentava uma avaliação crítica das obras.

Depois de um longo período de leitura e de contemplação das obras, soaram as badaladas da meia-noite. Nesse momento, ele mudou a posição do candelabro e isso o provocou um efeito inesperado. Os raios de luz incidiram sobre um dos cantos do quarto e só assim ele pôde vislumbrar um quadro que até então passara despercebido. Na verdade, era o retrato de uma moça no auge da juventude que muito o impressionara e isso fez com que ele despertasse para a realidade ao seu redor.

Esse retrato reproduzia apenas a cabeça, os ombros, os braços, o colo e as pontas dos cabelos. A moldura era oval e dourada.

Por um instante, foi invadido por uma emoção por ter a impressão que a imagem ali representada fosse uma mulher de carne e osso. Idéia essa que foi desfeita, quando analisou os detalhes da pintura e as técnicas utilizadas pelo pintor. Após uma reflexão, descobriu que a mágica da pintura residia na absoluta verossimilhança.

Depois disso, observou, com ansiedade, o livro que se referia à história da incrível obra e leu o texto referente ao retrato oval, cuja história é a seguinte:

Era uma jovem que se apaixonara e se casara com um pintor apaixonado, obcecado pela arte, o qual resolvera retratá-la. A bela moça

posara para o pintor por várias e várias semanas imóvel num aposento no alto de uma torre na penumbra. O único foco de luz que descia do texto insidia, simplesmente, sobre a tela, deixando todo o resto do ambiente na escuridão.

Ele, na loucura de produzir a obra perfeita, não percebia que a sua mulher definhava aos poucos. Todavia, no momento em que o quadro ficara pronto e ele se espantara com a vida que dera à tela, olhara para a amada e constatara que ela estava morta.

O conto “O Retrato Oval” é basicamente constituído de duas seqüências narrativas, ligadas entre si pela modalidade do encaixe. A primeira história é a chegada do protagonista e de Pedro ao castelo e a descoberta do retrato e a segunda relata a pintura do retrato oval, cuja personagem principal, a jovem, é vítima da obsessão do pintor.

Essa história mostra que um indivíduo obcecado por um ideal, como o pintor, deixa de agir baseado na razão e se torna egocêntrico e irreverente. Em busca de seu objetivo, chegou à loucura de submeter a esposa ao sacrifício extremo que a levou à morte. Quanto à jovem, que nutria pelo artista um amor romântico, é o estereotipo da submissão e da alienação.

Edgar Allan Poe nasceu em Boston, em 19 de janeiro de 1809, filho de um casal de atores. Desde cedo demonstrou inteligência e um talento excepcional.

Na literatura ocidental, a influência de Poe, tanto na poesia quanto na prosa, é enorme: desde os simbolismos do final do século XIX até os dias atuais. O Simbolismo recebeu influência de Poe através da divulgação de suas obras pelas mãos do poeta francês Baudelaire. Poe ditou muitas características desse movimento: musicalidade, apelo ao sonho, descrição dos sentimentos por meio dos sentimentos. O conto policial é considerado invenção sua. Escreveu ainda contos de terror, de mistério e humorísticas (humor negro).

A obra literária desse autor, que influenciou a moderna literatura universal, caracteriza-se por elementos mórbidos e fantásticos, e é

basicamente composta por contos. Muitos deles, aliás, inspiraram narrativas policiais, ficções científicas e romances psicológicos de diversos autores.

É mestre em contos de terror, policial e suspense. O conto *Os Crimes na Rua Morgue* é considerada o protótipo da narrativa policial. Talvez é o maior poeta lírico da época romântica da língua inglesa, apesar de sua nacionalidade americana. É o criador de histórias fantásticas.

Primeira seqüência narrativa do conto:

A chegada do “Eu” protagonista e Pedro, o criado, ao castelo e reconhecimento que o protagonista faz do castelo.

O foco narrativo é “Eu” como protagonista, pois o narrador é a personagem principal da ação e relata em primeira pessoa os fatos relacionados com ele mesmo tal como os vivencia, registrando suas percepções, sentimentos e pensamentos.

Nessa primeira narrativa como na segunda, predomina o sumário uma vez que o narrador apresenta os fatos da história, relatando-os. O sumário se confirma por meio dos marcadores de tempo: há séculos, a pouco, já anoitecera, um longo espaço de tempo, uma hora inteira, depois, entre outros, predominando então, o tempo do discurso.

Na segunda seqüência narrativa, que mostra a leitura do texto curioso e fantástico que tratava da pintura do retrato oval, o foco narrativo é o narrador em terceira pessoa intruso, pois além de conhecer e ter a máxima liberdade possível para escolher como contar os fatos, esse narrador interfere na história com comentários: “E no entanto ela sempre sorria...” (Oitavo parágrafo, linha 20).

As personagens são Pedro, e o “Eu” protagonista. São personagens simples e planas, sobressaindo, portanto, a intensidade das ações. Pedro é uma personagem adjuvante que auxilia e que dá sustentação ao “Eu” protagonista no desenrolar da história. Da segunda seqüência, as personagens são: a jovem do retrato e o pintor. Ela é de rara beleza, jovem, alegre, cheia de encantos, travessa, afetuosa, cheia de amor à vida, dócil e

meiga. Ele, um homem passional, estudioso, austero, apaixonado pela arte, obcecado, irreverente, temperamental, artista de grande renome e o responsável pela morte da jovem. Ela é a protagonista da narrativa e o pintor o herói-demoníaco porque prevalecem predicados éticos negativos.

Na primeira seqüência narrativa, o narrador constrói o texto a partir de um ambiente tenebroso, de suspense, de sobrenatural e na segunda seqüência utiliza a técnica de retrospectão – Flash-back que desfaz a idéia de sobrenatural que a pintura provocara.

O espaço é físico, é o castelo, o quarto e a torre.

Há predominância do tempo cronológico, evidenciando, também, pelos marcadores de tempo: há séculos, um longo espaço de tempo, entre outros.

Nesse conto, apresentação inicia-se em “castelo que meu criado resolvera arrombar a fim de evitar que, [...] até criados conforme o estranho estilo arquitetônico do castelo”. (Primeiro parágrafo, linha 19).

O desenvolvimento do enredo começa em “Assim sendo, [...]”. O nó da intriga é quando o “Eu” protagonista ajeita a luz do candelabro de maneira a iluminar melhor as páginas do livro, porém esse simples gesto produziu um resultado totalmente inesperado: essa luz mostrara um quadro que a ele passara despercebido até então. “Como o candelabro não estivesse mais numa posição que me favorecesse a leitura [...]” (Segundo parágrafo, linha 4 até a 9). “Porém, esse simples gesto meu produziu um [...]. Só assim pude ver à plena luz um quadro que me passara despercebido até então.” (Terceiro parágrafo, da 1ª a 7ª linha).

O clímax é o próprio desenlace da história, ou seja, a morte da jovem esposa.

A unidade de um tom que caracteriza o enredo da primeira seqüência narrativa é o suspense, evidenciando nos seguintes trechos: “badaladas da meia-noite”, “olhei o quadro num relance, fechando os olhos logo em seguida. De imediato, nem eu mesmo pude perceber por que motivo agira assim”. Na segunda seqüência narrativa, a unidade de tom é a obsessão,

uma vez que o pintor levava à morte a própria esposa para realizar um ideal: retratá-la o mais perfeito possível numa tela.

A leitura do conto provocou-nos um estranhamento tanto por apresentar, na seqüência narrativa, um ambiente misterioso, lúgubre, tenebroso como também por insinuar uma atmosfera de sobrenatural. Essa estratégia prende a atenção do leitor até o desfecho da história, quando o narrador mostra que aquele retrato quase que perfeito é obra de um pintor obcecado que, para realizar aquela façanha, levava à morte a bela esposa.

Conclusão

O conto, ora analisado, é mais uma das obras fantásticas de Edgar Allan Poe, cuja temática principal é a obsessão de um homem que busca a perfeição a qualquer preço. O conteúdo colocado no desfecho da obra evidencia, claramente, essa característica do herói-demoníaco criado por Edgar Allan Poe.

Bibliografia

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Introdução à análise da narrativa. São Paulo: Scipione, 1995.

CONTOS UNIVERSAIS, Para gostar de ler. V.11. Seleção de José Paes, Editora, 1988.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do Texto. Prolegômenos e teoria da narrativa. 2ª Edição, Editora Ática, 2001.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL PUBLICAÇÕES LTDA. V. 12, Rio de Janeiro - São Paulo.

GOTLIB, Nádía Battella. Teoria do conto, 9ª Edição, Editora Ática, 1999.